

IPSIS VERBIS



“CIMEIRA UNIÃO EUROPEIA-ÁFRICA

> “Habitualmente, a diplomacia escolhe os seus interlocutores em função dos seus interesses e não dos seus princípios. Gordon Brown não terá as mesmas preocupações em se sentar ao lado de representantes da Somália e do Sudão ou de outro ditador mais simpático aos olhos do Foreign Office.”

**Amílcar Correia, subdirector do *Público*,
11 de Outubro**

> “Apesar das posições do Governo britânico, que são respeitáveis e contribuem de forma determinante para a discussão dos Direitos Humanos no Zimbabwe, não se deve sobrevalorizar a sua posição.”

**José Lello, secretário internacional do PS,
26 de Outubro**

> “Por favor venham, mas não tragam os vossos monstros.”

***Economist*, 8 de Dezembro**

> “Um fim-de-semana em Lisboa, com dois banquetes e um concerto com a Marisa e a Cesária Évora pelo meio, nem é desagradável: os europeus aproveitam para ver o sol e os africanos para ver mundo e mandarem as ‘madames’ às compras.”

Miguel Sousa Tavares, 8 de Dezembro

> “Quebrou-se o gelo de uma relação bloqueada do ponto de vista estratégico e político por demasiado tempo.”

Luis Amado, 8 de Dezembro

> “A situação no Zimbabwe diz-nos respeito a todos, na Europa e em África. Não temos o direito de olhar para o lado enquanto os direitos humanos são espezinhados.”

Angela Merkel, 8 de Dezembro

> “Qualquer que seja o ponto de vista, esta cimeira foi, sem dúvida, histórica. Haverá um antes e um depois.”

José Sócrates, 9 de Dezembro

“O TRATADO DE LISBOA: ASSINATURA E RATIFICAÇÃO

> “Não sendo o tratado ideal, é o tratado que responde aos grandes desafios com que a Europa se depara hoje.”

Luis Amado, 12 de Dezembro

> “Comparado com a Constituição dos Estados Unidos, o Tratado europeu não é um nobre documento constitucional. Está mais próximo de um manual de instruções de empilhadores.”

Timothy Garton Ash, 13 de Dezembro

> “Podemos concordar com a maioria daquilo que a UE faz (como eu). Podemos discordar veementemente. Ambas são posições perfeitamente aceitáveis. O que não podemos fazer é escondermo-nos disso, como Brown aparentemente fez.”

John Kampfner, analista político britânico, referindo-se à ausência de Gordon Brown da cerimónia de assinatura do Tratado, 14 de Dezembro

> “Claro que os cidadãos portugueses, o Governo e o Parlamento português têm todo o direito de escolher a forma de ratificação. Mas a Europa está muito interligada e devemos perguntar-nos de que forma um evento num país pode influenciar os outros.”

Janez Jansa, primeiro-ministro esloveno, 8 de Janeiro

> “Há momentos em que um político não pode hesitar em seguir o caminho da responsabilidade perante os interesses do país, perante a Europa e perante a História.”

José Sócrates, no debate da Assembleia da República em que anunciou a intenção do Governo em submeter o Tratado de Lisboa à ratificação parlamentar, 9 de Janeiro

> “Preferiu um compromisso com os outros primeiros-ministros ao compromisso com o país.”

Paulo Portas, no debate parlamentar de 9 de Janeiro

> “O tratado pode chamar-se de Lisboa ou de Arentela, o problema está no conteúdo.”

Jerónimo de Sousa, no debate parlamentar de 9 de Janeiro

> “Veio aqui com a corda ao pescoço comunicar que não ia cumprir uma promessa. O argumento do efeito dominó é vergonhoso: mostra que os portugueses são uma segunda escolha para o primeiro-ministro.”

Francisco Louçã, no debate parlamentar de 9 de Janeiro

> “Faltando à solidariedade europeia, [José Sócrates] mataria de uma assentada os créditos que obteve durante a presidência portuguesa, o maior dos quais foi justamente o tratado. [...]. Acabou por fazer o que devia ser feito.”

Teresa de Sousa, 10 de Janeiro

> “A recusa do referendo é um erro estratégico de todos os líderes europeus.”

General Loureiro dos Santos, 17 de Janeiro

“A MORTE DE BENAZIR BHUTTO

> “O assassinato de Bhutto irá agitar severamente o Paquistão, e isso é essencial para que os Estados Unidos, um poder crucial em Islamabad, definam prudentemente uma estratégia calibrada nas próximas semanas para prevenir uma vitória da Al-Qaida.”

Paul Cruickshank, investigador da Universidade de Nova Iorque, 27 de Dezembro

> “Uma estranha coexistência de despotismo militar e anarquia criou as condições para o seu assassinato [Benazir Bhutto]. No passado, o poder militar estava talhado para preservar a ordem – e fê-lo durante poucos anos. Hoje isso já não é assim. Cria a desordem e promove a anarquia.”

Tariq Ali, 28 de Dezembro de 2007

> “Em vez de tratarem o Presidente Pervez Musharraf como um aliado que não é, os Estados Unidos deveriam tratar o Paquistão como um problema de segurança nacional, que é aquilo em que se está a tornar.”

Peter W. Galbraith, 3 de Janeiro

> “O assassinato de Benazir Bhutto é um rude golpe ao conturbado mas estrategicamente vital Estado paquistanês [...]. Mas o horror do seu final não nos deve tornar cegos ao seu legado medíocre, e seria errado descrevê-la como uma espécie de mártir da liberdade e da democracia.”

William Dalrymple, historiador britânico, autor de *The Last Mughal* (2007), 7 de Janeiro

“PRIMÁRIAS NORTE-AMERICANAS

> “Todos nós somos membros da geração 11 de Setembro.”

Rudolph W. Giuliani, 1 de Setembro

> “A América precisa de um Presidente que consiga revitalizar os objetivos do nosso país e a sua presença no mundo, derrotando os adversários terroristas que ameaçam a liberdade e construindo uma paz duradoura.”

John McCain, 1 de Novembro

> “Muitos dos que votam em Obama serão motivados pela sua cor de pele, só para contrariar as oligarquias.”

Anne Applebaum, 8 de Janeiro

> “McCain morreu politicamente há seis meses, a sua campanha recuou com o apoio à política no Iraque do Presidente Bush. A sua ressurreição, que o colocou na frente dos candidatos republicanos, de acordo com as sondagens recentes, é uma consequência da mudança no Iraque.”

Roger Cohen, 17 de Janeiro

> “Ele [Obama] é o primeiro afro-americano com possibilidades de ganhar a presidência, e muitos negros estão agora a tratá-lo como um símbolo de identidade e orgulho racial. Devido à elevada sensibilidade deste tema, os empurrões que são normais em qualquer campanha política passaram a ser vistos como manifestações de falta de respeito.”

David Ignatius, 17 de Janeiro

> “É idiota esperar-se por outro Ronald Reagan. E não apenas porque os seus dotes políticos são raros. Há um aspecto em que Reagan era excepcional e que muitos de nós não conseguimos apreciar. Ele foi o único Presidente do último século que ganhou as eleições sendo líder de um movimento ideológico.”

William Kristol, 28 de Janeiro

> “A Super-Terça-feira foi sinal de optimismo e de vontade – a América está a sair do buraco onde se metera.”

José Cutileiro, 9 de Fevereiro

Citações recolhidas por Carmen Fonseca e Pedro Aires Oliveira

FONTES:

Daily Telegraph, Der Spiegel, Economist, Expresso, Foreign Affairs, Guardian, IHT, Público, TIME, Washington Post, Weekly Standard